



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 7**

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



## **Saber agrícola em duas terras indígenas no Estado de Roraima** *Agricultural knowledge in two indigenous lands in the State of Roraima*

FALCÃO, Márcia Teixeira<sup>1</sup>; OLIVEIRA, Sandra Kariny Saldanha<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Roraima, <sup>1</sup>marciafalcao.geog@uerr.edu.br, <sup>2</sup>sandrakariny@oi.com.br

**Tema gerador:** Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo demonstrar o saber agrícola da etnia ingarikó e macuxi, referente ao manejo e uso da terra. A pesquisa foi realizada na Terra Indígena Raposa Serra do Sol e Terra Indígena São Marcos em Roraima. A metodologia envolveu pesquisa *in loco*, entrevistas junto aos comunitários e elaboração de calendário agrícola. Os resultados demonstram que os índios ingarikó manejam e utilizam a terra a partir do conhecimento empírico, e o calendário influencia não só na agricultura, como também nos rituais e no cotidiano da comunidade.

**Palavras-chave:** Manejo. Uso agrícola. Calendário agrícola.

### **Abstract**

This article aims to demonstrate the agricultural knowledge of the Ingarikó and Macuxi ethnic groups in relation to land use and management. The research was carried out in the Raposa Serra do Sol Indigenous Land and the São Marcos Indigenous Land, in Roraima. The methodology involved on-site research, interviews with community members and elaboration of an agricultural calendar. The results demonstrate that the Ingarikó Indians manage and use the land based on empirical knowledge, and the calendar influences not only agriculture, but also rituals and daily community life.

**Key-words:** Management. Agricultural use. Agricultural calendar.

### **Introdução**

O conhecimento tradicional através da paisagem pode ter como finalidade a garantia da sustentabilidade ou a sobrevivência de seu conjunto de sistemas (natural, social e cultural) para as futuras gerações (Nunes Júnior. et al., 2006). Nesse sentido, Cardoso (2010) enfatiza que:

Seriam quatro os aspectos fundamentais do conhecimento tradicional no entendimento ecológico dos sistemas agrícolas e de sua dinâmica: o conhecimento sobre o ambiente, taxionomias biológicas, o conhecimentos de práticas agrícolas e a natureza experimental do conhecimento. Estes saberes estão assentados em cosmologias locais sobre a relação homem / natureza (p.29).



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 7**

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



Ressalta-se que o conhecimento tradicional pode funcionar como mapas da memória e dos atos de sentido comunitário (rede de saberes). Essa rede de saberes para Muñoz (2003) não se reconhece em conceitos verbalizados, mas através das práticas e convivências, as quais inferem diferentes atitudes, como por exemplo, o saber cuidar da natureza.

As populações tradicionais também não só convivem com a biodiversidade, mas nomeiam e classificam as espécies vivas segundo suas próprias categorias e nomes (Diegues, et. al 2000). Nesse sentido, os processos ecológicos influenciam nos objetivos e nas tomadas de decisões, os quais determinam as práticas sobre o uso e o manejo dos recursos naturais.

Em trabalhos realizados com indígenas no baixo Rio Negro, confirmam o que foi disposto na Convenção da Diversidade Biológica, tratados e outros, de que as populações tradicionais são responsáveis por manter e gerar a diversidade natural, e que esses saberes devem ser respeitados, protegidos e até recompensados financeiramente (Cardoso, 2010).

Para entender as relações entre os grupos e a natureza, tem-se a Etnoecologia que pode ser definida como uma abordagem interdisciplinar que demonstra como a natureza é vista por outras sociedades, através de uma teia de crenças e conhecimentos, e como os seres humanos usam e/ou administram os recursos naturais. O conhecimento acerca da natureza e seus processos, elaborado pelas populações tradicionais, ou seja, aquelas que apresentam “padrões de comportamento transmitidos socialmente, modelos mentais usados para perceber, relatar e interpretar o mundo” (Diegues, 1998, p. 87). Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo demonstrar o saber agrícola da etnia ingarikó e Macuxi, referente ao manejo e uso da terra.

## **2 Material e Métodos**

O estudo foi realizado em duas terras Indígenas do Estado de Roraima, Terra Indígena Raposa Serra do Sol (TIRSS) e Terra Indígena São Marcos (TISM). Na TIRSS etnoregião ingarikó, fizeram parte da pesquisa três comunidades indígenas: Manalai (05° 05' 127"/W 60° 23' 004"), Mapaé (N 05° 07'151"/W 60° 35' 317") e Serra do Sol (04° 56'605"/W 60° 28'168"). Na TISM o estudo foi realizado nas comunidades indígenas Darora ("03° 10' 42.2" N e 60° 23' 34.0" W) e Vista Alegre (03° 06' 41.6" N e 60° 30' 02.7"), onde a maior concentração populacional é da etnia Macuxi, e em menor concentração os Wapixana. Situadas às margens de dois importantes rios do Estado, o Tacutu e o Uraricoera, na TISM, área rural do município de Boa Vista, de onde dista 80 km aproximadamente.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 7**

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



Na TIRSS o desenvolvimento da pesquisa ocorreu durante o período seco (outubro a março) devido ao acesso à região que ocorre por via aérea, sendo, portanto, a época de maior segurança para o pouso dos voos na região. A realização da pesquisa considerou trabalhos *in loco*, no qual foram selecionados 45 (quarenta e cinco) interlocutores, que detêm o conhecimento relacionado ao manejo e uso agrícola. Durante a pesquisa os interlocutores foram entrevistados e durante o processo de investigação, o pesquisador acompanhou cotidiano da comunidade, analisando como o conhecimento empírico é aplicado na escolha do plantio e no cuidado com as roças.

Já na TISM, a pesquisa ocorreu no ano de 2016, durante os períodos de seco e chuvoso, foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas em ambas comunidades, o que permitiu apreender diferentes aspectos das relações das famílias indígenas com o ambiente em determinados contextos de uso, enfatizando a busca pelo conhecimento construído localmente a respeito de seus recursos naturais e a aplicação que fazem deles (Albuquerque; Hanazaki, 2006).

Na pesquisa foi realizada a observação direta em campo, etapa essencial, com objetivo de observar a relação sujeito-objeto nas suas vivências em comunidade.

Nos estudos que contemplam crenças e valores, a abordagem qualitativa apresenta ferramentas úteis para a investigação, é importante considerar esta questão, num mundo onde a maior parte das populações tradicionais estão sujeitas às influências da sociedade globalizada, portanto, podem influenciar as formas de manejo e uso dos recursos naturais (Amorozo; Viertler, 2010).

## 2.1 Aspectos éticos

A realização da pesquisa de campo ocorreu a partir das autorizações que envolvem pesquisas com seres humanos nas duas terras indígenas. TIRSS: Comitê de Ética da Universidade Federal de Roraima e Comitê de Ética Nacional (CAAE nº 1.001.442), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (Nº 24/2014), Sistema de Autorização e Informação da Biodiversidade - SISBIO (Nº 36346-1), Fundação Nacional do Índio-FUNAI (Nº 28/AAEP/PRES/2025), Conselho do Povo Indígena Ingarikó – COPING e as comunidades envolvidas.

Na TISM as autorizações foram: Comitê Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) (nº 820.111), Comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal de Roraima (CEP/UFRR) parecer (nº 953.257), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (no 09/2014); Fundação Nacional do Índio-FUNAI (nº 68/AAEP/PRES/2014).



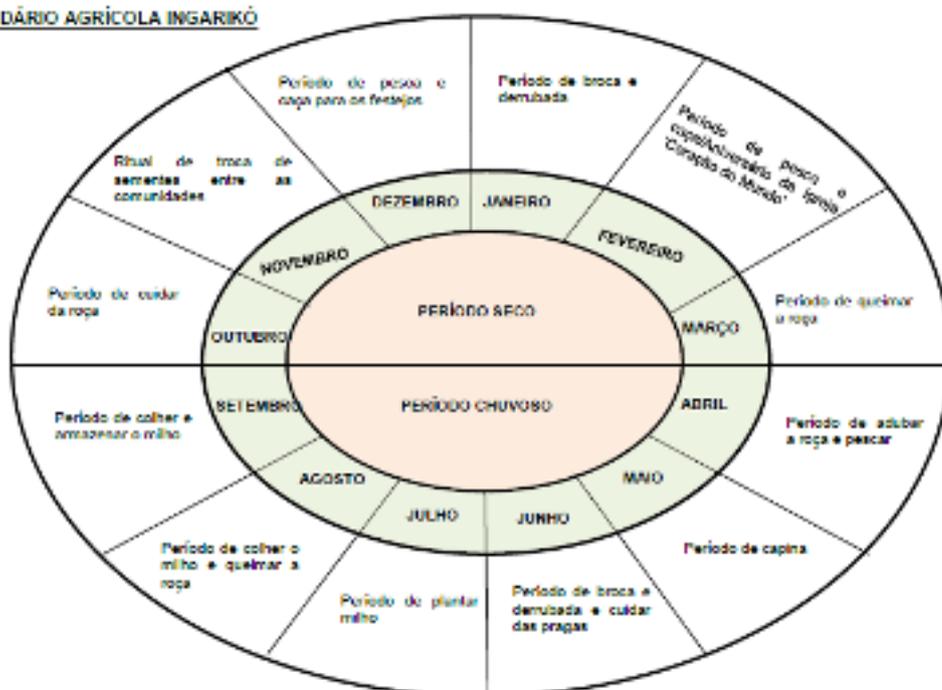
## 2 Resultados e discussão

Em ambas as Terras Indígenas para os povos Ingarikó e Macuxi, o uso atual da terra na região está relacionado ao plantio de roças (*umë* na língua Ingarikó e *mîrî*, na língua Macuxi) tradicionais, caça e criação de gado (na TIRSS o gado é criado na região, especificamente na comunidade Serra do Sol, desde os anos 90; na TISM nas comunidades há fazenda comunitária com criação de gado) e ovinos para subsistência do povo Ingarikó.

Cardoso (2010) enfatiza que a roça constitui-se como o espaço de excelência na agricultura da Região Amazônica, trata-se de um espaço que nasce de um “distúrbio” através do corte e da queima na floresta, objetivando a segurança alimentar e nutricional de uma família, de uma comunidade local ou de uma região e, em muitos casos, serve como complemento da renda familiar e para a troca com vizinhos e parentes.

Com relação às roças tradicionais dos Ingarikó, o processo de escolhas das novas roças ocorre durante o período seco (*toronkan*) quando fazem a broca, derrubada e a queima, já no período chuvoso (*tîmon*) ocorre o plantio, e os índios buscam alternativas tais como: a caça e a pesca, conforme o calendário agrícola, “celestial” dos ingarikó, que orienta a agricultura (Figura 01)

CALENDÁRIO AGRÍCOLA INGARIKÓ



**Figura 01:** Calendário Agrícola da etnia Ingarikó, retratando as atividades desenvolvidas nos períodos seco e chuvoso, durante o ano.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 7

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



O calendário das atividades agrícolas nas roças Macuxi, está diretamente relacionado aos períodos chuvoso e seco, e se caracteriza pela seguinte sequência: 1. broca e corte das árvores no início do verão, entre os meses de fevereiro e março; 2. queima em março; 3. coivara e cercado do local em abril; 4. cavação e plantação em maio; 5. capina em junho; 6. colheita em julho (mandioca); 7. plantio em agosto- período chuvoso.

Os Ingarikó desejam que a unidade seja um campo de ensino e aprendizagem dos membros das comunidades e alunos do ensino médio técnico (a ser implantado na região) para que se torne uma área de produção de alimentos tais como: carne, verduras e legumes, voltados ao abastecimento da etnorregião para que minimize os problemas de baixo peso e desnutrição das crianças, mulheres (em fase gestacional) e idosos para que garanta a alimentação e melhore a qualidade de vida do povo Ingarikó.

Falcão (2016) ressalta que as roças dos Ingarikó são localizadas em geral em terraços e rampas suaves do revelo, e quanto ao uso da área, segundo os agricultores, dura em média um ano. Conforme informações obtidas, o período de pousio das roças dura em média 3 a 4 anos.

As roças indígenas na TISM, estão localizadas em sua maioria nas margens dos rios e, nos sítios individuais, que são locais afastados da sede da comunidade, utilizados. Foi mencionado ainda, durante as entrevistas, o uso do buritizal como sementeira. A roça é utilizada por aproximadamente 2 ou 3 anos, sendo o período de pousio em média de 2 a 4 anos.

A agricultura praticada é de subsistência e comercial, em cada comunidade macuxi existe uma associação de agricultores que comercializa os produtos advindos do trabalho dos associados. Vale salientar, que esta área é marcada por desafios ecológicos, pois a savana, conhecida regionalmente como lavrado representa um universo de recursos mínimos, o que exigiu de seus habitantes indígenas engenhosas soluções em termos de experiência e praticidade na infinita relação cultura versus natureza, condição que lhes garante sobreviver com um mínimo de recursos disponibilizados pelo meio (Costa; Souza, 2005). A mandioca e o feijão formam a base alimentar das comunidades e são os principais elementos de suas plantações, sendo a farinha de mandioca o alimento básico de toda a população.

Dentre os principais cultivos nas roças, nas comunidades indígenas, encontram-se em maior quantidade o plantio de mandioca brava gênero (*Manihot Manihot esculenta* Crantz.), pimenta do gênero (*Capscium* sp.) morfotipos canaimé, malagueta, olho de peixe, dedo de moça, de cheiro, milho (*Zea mays* L.) e feijão (*Vigna unguiculata* (L.) Walp.).



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 7



Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais

A base da alimentação dos entrevistados é a mandioca brava, que a partir desta se produz o beiju (serve como acompanhamento nas refeições e nas festas comunitárias), o caxiri e o pajuaru (bebidas típicas dos povos indígenas Roraimenses). A pesca e a caça são fontes de proteína e tem grande relevância nutricional na dieta das comunidades, visto que um dos pratos típicos das comunidades indígenas, é feito à base de peixe cozido e pimenta, iguaria conhecida como damurida.

### Considerações Finais

Com base na pesquisa, segundo os povos ingarikó e macuxi, atualmente uma das maiores preocupações está na diminuição dos conhecimentos tradicionais pelos mais jovens, também a maneira de transmitir os conhecimentos sobre a agricultura comunitária, sobre as plantas que curam e o cultivo de plantas frutíferas, que representam a maneira de ser dos povos e de se relacionar com a natureza e com o mundo, motivou esse povo, a questionarem-se por que não investir mais em educação, e incentivar o desenvolvimento de pesquisas a respeito dos métodos de cultivos mais adequados às suas necessidades.

Recomenda-se que novos estudos sejam realizados na região, no que se refere ao o acompanhamento das atividades realizadas no projeto Nutrir, através da análise e mapeamento do solo; o resgate das sementes tradicionais na região, e novas formas de manejo tradicional da terra, como forma de resgate do saber tradicional do povo Ingarikó.

### Referências

ALBUQUERQUE U.P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Rer. Bras. Farmacogn.** 16 (Supl). 2006. P. 678-689.

AMOROZO, M.C.M. VIERTLER, R.B. A abordagem qualitativa na coleta e análise de dados em etnobiologia e etnoecologia. In: ALBUQUERQUE, U.P. LUCENA, R.F.P. CUNHA, L.V.F. (org.). **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica.** Recife: NUPEEA, 2010, p.67-82.

CARDOSO, T.M. **O saber biodiverso:** práticas e conhecimentos na agricultura indígena do baixo rio Negro. Manaus: Edua, 2010.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 7

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



COSTA E SOUZA, J. M. Etnias indígenas das savanas de Roraima: Processo histórico de ocupação e manutenção ambiental. In: BARBOSA, R. I.; XAUD, H. A. M.; SOUZA, J. M. C. (Org.). **Savanas de Roraima: etnoecologia, biodiversidade e potencialidades agrosilvipastoris**. Boa Vista: FEMACT, p. 21-60, 2005.

DIEGUES, A.C.S. O Mito Moderno da Natureza Intocada. 2 ed., São Paulo: Ed. Hucitec, 1998.

DIEGUES, A.C.S. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: DIEGUES, A.C.S. (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para conservação d natureza**. São Paulo: Hucitec, Nupaub, 2000. p. 1-26.

FALCÃO, M.T. **Ambiente e conhecimento tradicional da etnia Ingarikó na terra indígena Raposa Serra do Sol – Roraima: abordagem etnocientífica no estudo do uso da terra**. 2016. 105f. Tese. (Doutorado em Biodiversidade e Conservação) – Museu Paraense Emilio Goeldi Belém – PA, 2016.

MUÑOZ, M. G. Saber Indígena e Meio Ambiente: Experiência de Aprendizagem Comunitária. In: LEFF, Enrique (Coord). **A Complexidade Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.

NUNES, JÚNIOR, E; BARROS GOES, M. H.; AGUILAR, R. A. S.; GUERREIRO, M. Etnogeomorfologia: aplicações e perspectivas. SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 6, 2006, Goiás. **Anais...Goiás**. Disponível em: < <http://xa.yimg.com/kq/groups/14599993/1782859413/name/etnogeomorfologia.pdf> >. Acesso em: 13 jan. 2012.